

Desenvolvimento Econômico e Empreendedorismo

Ricardo Chaves Lima¹

Resumo:

O empresário inovador é um componente fundamental do processo de desenvolvimento econômico de acordo com a visão schumpeteriana. Juntamente com o crédito bancário e as inovações tecnológicas, o empreendedor é um importante agente na criação de novos negócios e, conseqüentemente, no desenvolvimento econômico. Um problema das empresas nascentes é que uma grande parte delas, especialmente nos países menos desenvolvidos, entram em falência nos primeiros anos de existência. O desenvolvimento do empreendedorismo pode estar ligado a questões conjunturais ou a programas específicos, mas está fundamentalmente relacionado às mudanças estruturais nos países em desenvolvimento. Assim, as políticas públicas de incentivo a áreas como educação, ciência e tecnologia são fundamentais para o empreendedorismo e, conseqüentemente, para o desenvolvimento econômico do país.

Palavras-chave: empreendedorismo, desenvolvimento, educação.

Abstract:

The entrepreneurship is a fundamental aspect of the economic development process according to the schumpeterian view. Along with banking credit and technological innovations, the entrepreneur is an important mean of creating new businesses and, consequently, economic development. A problem facing new enterprises, especially in less developed countries, is the degree of bankruptcy during the first years of existence. The development of entrepreneurship may be linked to specific question, but is fundamentally related to structural problems. Hence, public policies towards areas such as education, science and technology are fundamental to entrepreneurship and, consequently, to economic development.

Key words: entrepreneurship, development, education

¹ Ph.D e Professor do Departamento do Economia da UFPE (rlima@npd.ufpe.br)

1 - Introdução

De acordo com a visão schumpeteriana, o desenvolvimento econômico processa-se auxiliado por três fatores fundamentais: as inovações tecnológicas, o crédito bancário e o empresário inovador (Souza, 1997). O empresário inovador é o agente capaz de realizar com eficiência as novas combinações, mobilizar crédito bancário e empreender um novo negócio. O empreendedor não necessariamente é o dono do capital (capitalista), mas um agente capaz de mobilizá-lo. Da mesma forma, o empreendedor não é necessariamente alguém que conheça as novas combinações, mas aquele que consegue identificá-las e usá-las eficientemente no processo produtivo.

Schumpeter (1961) define as “novas combinações” como as empresas, e os indivíduos capazes de realizá-las como os “empreendedores”. Assim, o empreendedor não é o gerente ou diretor da firma que dirigem um negócio estabelecido, mas um líder que toma iniciativa, tem autoridade e faz previsão. O empresário não é um técnico nem um financista, mas um inovador. Os empresários não constituem uma classe social como os capitalistas e os operários, dado que ser um empresário não significa ter uma profissão permanente (Adelman, 1972). De acordo com essa visão, a capacidade de empreender está relacionada às características objetivas e subjetivas dos indivíduos. O nível educacional, a formação técnica e a quantidade de informação do indivíduo podem ser considerados características objetivas. Outras características como “talento”, “tino empresarial”, “liderança”, são, em geral, consideradas subjetivas. É verdade que as características objetivas podem despertar ou realçar as características subjetivas dos empreendedores.

A existência de empresários inovadores e de novas combinações produtivas é, segundo Schumpeter, condição necessária para o processo de desenvolvimento econômico. A situação onde uma economia não está em processo de desenvolvimento econômico é referida por Schumpeter como “economia em fluxo circular”. Essa situação caracteriza uma

economia em equilíbrio, onde as relações entre as variáveis ocorrem em condições de crescimento equilibrado, a qual é determinada pelo ritmo da expansão demográfica (Souza, 1997). Dessa forma, uma economia em fluxo circular ocorre na ausência de inovações e de empreendedores. Ou, alternativamente, a ausência de novas combinações, de crédito bancário e de empreendedores é, segundo Schumpeter, o fator limitante do processo de desenvolvimento econômico.

2 - Desenvolvimento econômico e empreendedorismo

O desenvolvimento econômico está associado à geração de emprego e renda, o que pode ser possibilitado pela organização de novas empresas. Os primeiros anos da organização das firmas são críticos, especialmente no caso de pequenas e médias empresas, o que representa um grande problema. Isso por conta de fatores estruturais do ambiente empresarial, como também por conta da habilidade dos empreendedores. De acordo com Veiga (1999), nos Estados Unidos, 50% das empresas quebram nos cinco primeiros anos. Na Itália e na Alemanha, esse número é de 46% e 37%, respectivamente. Nos países subdesenvolvidos e em desenvolvimento esse problema é mais grave.

Ainda, de acordo com Veiga, a Itália tem uma taxa anual de criação de novas empresas de 144 por 10.000 pessoas (entre 16 e 64 anos). Em seguida vem a França e a Alemanha com 118 e 55 novas empresas, respectivamente. Assumindo-se que o empreendedorismo, ou seja, a ocorrência de indivíduos com habilidade de mobilizar capital e técnica para empreender novos negócios, é um fator crucial na geração de emprego e renda, é importante examinar a seguinte questão: o que influencia o empreendedorismo? Veiga leva em consideração o nível de educação e fatores culturais.

A figura 01 mostra a correlação entre desenvolvimento de patentes e número de cientistas e de engenheiros em um grupo de países selecionado.² O coeficiente de correlação (r) é de 0,72, indicando uma forte correlação linear entre essas duas variáveis. O desenvolvimento de patentes é entendido no presente trabalho como uma *proxy* para a criação de novos métodos e produtos. Ou seja, a destruição criadora de Schumpeter. A elevada correlação linear entre essas duas variáveis mostra a importância da educação superior para o empreendedorismo.

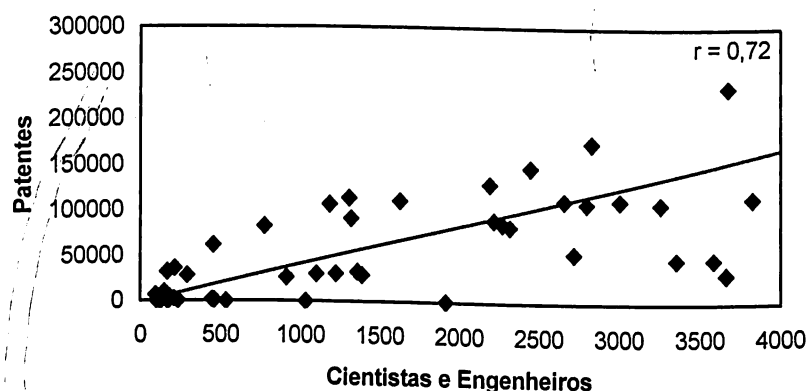


Figura 01 – Correlação entre desenvolvimento de patentes e número de cientistas e de engenheiros para países selecionados

A figura 02 mostra a correlação entre o desenvolvimento de patentes e o percentual de alunos matriculados em escolas secundárias. As referidas variáveis estão relacionadas por um coeficiente de correlação de 0,54. Ou

² “Patentes” refere-se ao número de preenchimento de formulário de patentes e “cientistas e engenheiros” refere-se à quantidade desses profissionais realizando pesquisa por milhão de habitantes. Os países selecionados são: Austrália, Áustria, Bélgica, Bolívia, Brasil, Canadá, Chile, China, Costa Rica, Croácia, Rep. Checa, Dinamarca, Egito, Finlândia, França, Alemanha, Grécia, Guatemala, Hungria, Índia, Indonésia, Irlanda, Itália, Japão, Coréia., Rep. da Malásia, México, Mongólia, Holanda, Noruega, Peru, Filipinas, Polônia, Portugal, Romênia, Rússia, África do Sul, Espanha, Suécia, Suíça, Tailândia, Tunísia, Turquia, Reino Unido, EUA, Venezuela.

seja, o desenvolvimento de novos produtos e métodos de produção também está positivamente correlacionado com os investimentos em educação secundária. É explicável, no entanto, que a correlação seja maior entre o desenvolvimento de patentes e o número de técnicos de nível superior. A relação mostrada na figura 02 sugere que a contribuição do empreendedorismo para o desenvolvimento econômico depende de políticas públicas de incentivo à educação.

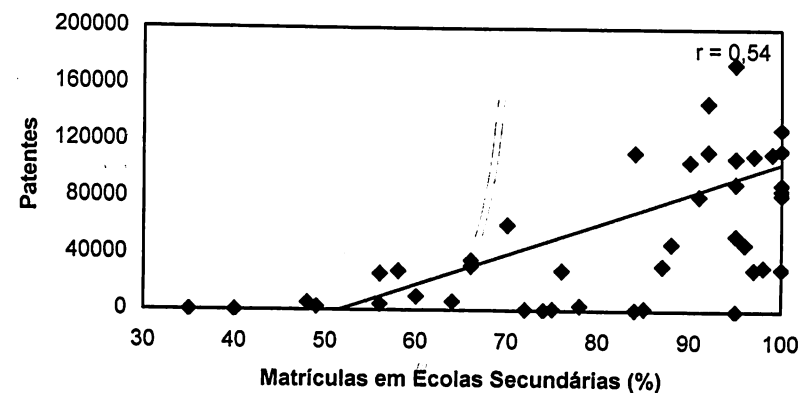


Figura 02 – Correlação entre desenvolvimento de patentes e o percentual de alunos matriculados em escola secundária para países selecionados

A correlação entre índice de Gini e número de cientistas e engenheiros, mostrado na figura 03, é de -0,55. O índice de Gini expressa a concentração de renda dos países e varia de 0 a 1, sendo que 0 indica distribuição plena e 1 concentração absoluta. A relação negativa sugere a existência de uma dependência entre concentração de renda e o número de cientistas e engenheiros. Apesar de o coeficiente de correlação linear não implicar em uma relação de dependência, pode-se supor que a falta de equidade na renda dos indivíduos é um fator limitante para o desenvolvimento do empreendedorismo. Ou seja, o empreendedorismo estaria também relacionado a fatores estruturais da economia.

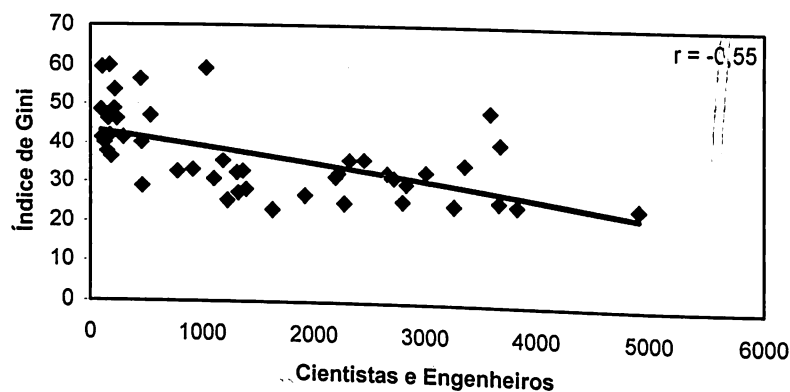


Figura 03 – Correlação entre índice de Gini e número de cientistas e engenheiros para países selecionados

A figura 04 mostra correlação entre o número de cientistas e engenheiros e percentual de alunos matriculados em escola secundária. O coeficiente de correlação linear foi de 0,70, mostrando uma forte correlação positiva entre essas duas variáveis. Ou seja, essa correlação sugere uma dependência entre o ensino de segundo grau e a formação dos empreendedores.

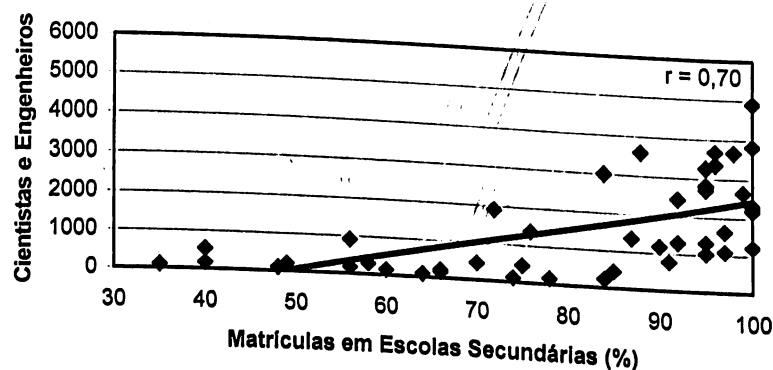


Figura 04 – Correlação entre o número de cientistas e engenheiros e percentual de alunos matriculados em escola secundária para países selecionados

3 - Considerações finais

O processo de desenvolvimento econômico requer a geração de emprego e renda para a população. Nos países em desenvolvimento, o empreendedorismo pode dar uma grande contribuição para a criação de novos postos de trabalho. É necessário, no entanto, que sejam dadas as condições objetivas para o desenvolvimento de novos negócios. A visão schumpeteriana privilegia a ocorrência de crédito bancário, inovações tecnológicas e empresários inovadores. Essas condições, no entanto, estão ligadas à realidade estrutural do país e às políticas públicas, no sentido de mudar favoravelmente essa realidade. O percentual de indivíduos em escolas secunda-rias está relacionado ao número de técnicos engajados em mudanças tecnológicas, e esses ao desenvolvimento de novas técnicas e produtos. O empreendedorismo está ligado a questões conjunturais e a programas específicos de incentivo à geração de novos negócios. No entanto, o empreendedorismo está fundamentalmente relacionado às mudanças estruturais nos países em desenvolvimento.

4 - Referências bibliográficas

- Adelman, I. *Teoria do Desenvolvimento Econômico*. Companhia Editora Forense, Rio de Janeiro, 1972.
- Schumpeter, J.A. *Teoria do Desenvolvimento Econômico*. Editora Fundo de Cultura, Rio de Janeiro, 1961.
- Souza, N. J. de. *Desenvolvimento Econômico*. 3. ed., São Paulo, Atlas, 1997.
- Veiga, J. E. Mistério do “empreendedorismo” apesar da certeza de que é essencial na economia, o sucesso empreendedor permanece desconhecido. (www3.estado.com.br/edica/pano/99/10/08/eco797.html). 1999.